



STATE OF THE
**AFRICAN
DIASPORA**

ESTADO DA DIÁSPORA AFRICANA

Um Estado sem Fronteiras

NEWSLETTER N° 10: RESTITUIÇÃO JÁ!



Tesouro de Ahmadou, Mali, Museu do Exército, Paris



Tesouro de Maqdala, Etiópia, British Museum, London



Busto de Nefertiti, Egypt, Neues Museum, Berlin

CONTEÚDO :

-Editorial, de Kandake Houindokon e Tassi Aïdji.....	p.01
-Entrevista com o Primeiro Ministro.....	p.02
-Os mais belos tesouros da África finalmente revelados....	p.06
-FAQ.....	p.10

EDITORIAL

Por Kandake Houindokon, Vice Primeira Ministra do Estado da Diáspora Africana, e Tassi Aïdji, Ministra do Legado Histórico do Estado da Diáspora Africana

Restituição, Agora!

Tudo tem sido feito para tirar nossos tesouros, nossos bens, nossas culturas e até mesmo nossas vidas. Mas ninguém jamais conseguiu tirar nossa dignidade. Durante séculos, nossos predecessores lutaram para recuperar sua liberdade, mas também sua herança. É esta luta que continuamos hoje.

Neste sentido, os tesouros culturais são apenas um símbolo da luta que estamos travando por nós mesmos. Quer seja nossa terra, nosso subsolo, nossos tesouros tangíveis ou intangíveis, devemos assegurar que tudo o que é nosso seja finalmente devolvido a nós.

O Estado da diáspora africana já alcançou muitas vitórias e teve várias leis aprovadas a este respeito na França, na Bélgica e no Parlamento Europeu. Mas todos os países africanos devem se mobilizar e se comprometer com esta causa, porque o que está em jogo tem um nome: soberania.



Entrevista com o Primeiro Ministro do Estado da Diáspora Africana



O Dr. Louis-Georges Tin, Primeiro Ministro do Estado da Diáspora Africana, foi convidado para a Cúpula África-França que se realizará na França de 7 a 9 de outubro de 2021, e falará sobre a questão da restituição dos tesouros coloniais. O objetivo é mobilizar os líderes do Ocidente, mas também da África, sobre esta questão essencial. Para compreender plenamente os desafios desta campanha, propomos aqui uma entrevista exclusiva com o Primeiro Ministro do Estado da Diáspora Africana.

-Quando você fala de objetos a serem devolvidos à África, do que exatamente você está falando?

- Esses objetos são na verdade tesouros culturais que foram saqueados e roubados durante a colonização, particularmente durante os massacres. Foram trazidos pelas tropas como troféus, vendidos e exibidos em coleções públicas ou privadas onde ainda permanecem. São muitas vezes tesouros reais, objetos de culto, obras de arte ou artesanato, tronos, jóias, esculturas, máscaras, manuscritos, etc. Não estamos falando de alguns objetos, espalhados aqui e ali: no Museu Britânico, são 69.000; no Musée du Quai Branly em Paris, 70.000; no Musée de Tervuren em Bruxelas, 180.000! Além disso, outros países que não tiveram colônias na África compraram ou recuperaram muitos tesouros roubados, praticando assim a esgrima - no mínimo, são bens mal adquiridos. Este é o caso da Suíça, Áustria, Vaticano e Estados Unidos, onde existem mais de 100 museus com objetos culturais africanos que devem ser devolvidos. No total, mais de 95% do patrimônio clássico da África está fora da África! É por isso que o título desta grande campanha é claro: "Restituição, agora!"

-Por que exigir a devolução de arte roubada da África décadas atrás?

-Porquê tudo isso nos pertence. Muito simplesmente. É uma questão de direitos humanos, obviamente. É uma questão de identidade cultural. É uma questão de integridade espiritual, porque profanar objetos de culto é sacrilégio. É também uma questão de desenvolvimento econômico, porque estes museus europeus estão desviando milhões de turistas da África, e obtendo lucros às nossas custas. Tudo isso é muito claro. Mas eu quero ir mais longe: há aqui uma questão de segurança absoluta. Se os africanos não fizerem tudo o que for necessário para recuperar seu patrimônio mais sagrado, a mensagem enviada ao Ocidente é terrível: significa que aceitamos ser saqueados e roubados, não apenas desses objetos culturais, mas de todos os recursos naturais, mineração e outros. Significa que não nos importamos com nossa própria soberania, significa que somos espancados e felizes. Significa que convidamos os saqueadores a continuar calmamente seu trabalho maléfico. É esta realmente a mensagem que queremos enviar ao resto do mundo?

-O que você conseguiu até agora?

-Quando eu comecei esta batalha, muitas pessoas pensaram que era uma batalha perdida. Que o Ocidente nunca iria querer devolver tesouros ganhos pelas tropas coloniais. No entanto, obtivemos vitórias importantes: após nossa campanha, uma lei de restituição foi votada na França em dezembro de 2020, em benefício do Benin e do Senegal. Além disso, em março de 2019, tivemos legislação aprovada na Bélgica, que agora está sendo implementada em benefício do Congo.



-E quais são as perspectivas esperadas?

-Estamos agora trabalhando para implementar a resolução que foi adotada no Parlamento Europeu. É por isso que estamos organizando esta grande mobilização antes da Cúpula África-França, para que todos os países africanos e todos os países ocidentais sejam levados a fazer progressos nesta questão. Além disso, esperamos que a presidência francesa da União Européia, que começa em janeiro de 2021 por seis meses, seja a oportunidade de colocar esta questão em cima da mesa. Precisamos passar de uma resolução parlamentar para uma implementação executiva. Além disso, Daagbo Hounon, líder supremo do culto Voodoo e co-presidente do Caucus Espiritual, foi recentemente recebido no Vaticano para levantar a questão da restituição. De fato, o Vaticano e os museus das missões católicas também estão cheios de objetos coloniais, que pertencem à África.



-Mas a maioria das pessoas nunca viu estes objetos...

-É por isso que, em 1º de outubro, lançamos um site, www.restitutionmuseum.com, que permitirá às pessoas, muitas vezes pela primeira vez, ver os objetos mais preciosos que nos foram tirados, com as explicações necessárias, seu significado, o lugar onde eles estão, o lugar de onde foram tirados. Saber é bom, mas ver é ainda melhor. Esta é uma iniciativa sem precedentes. Portanto, estamos oferecendo a todos a oportunidade de "adotar um tesouro". Você é convidado a escolher um objeto precioso por tal e tal razão, porque vem de seu país, porque o acha particularmente forte, porque o toca mais que outro, e então você pode promovê-lo em redes sociais, colocando-o em um perfil, por exemplo. Trata-se de criar um vínculo pessoal entre nossa herança e nós mesmos. Lançamos a campanha entre os jovens, e a rede de Escolas Estaduais Pan-Africanas da Diáspora, que já inclui mais de 700 escolas, decidiu aderir. Em torno desses preciosos objetos, pode-se desenvolver atividades ligadas à história (para explicar a colonização), ligadas à geografia (para mostrar de onde vieram e onde estão agora), à cívica ou à filosofia (para trabalhar a noção de justiça), à argumentação escrita ou oral (para expressar as razões da escolha de tal ou tal objeto), ao desenho (para representar os objetos que faltam), etc.

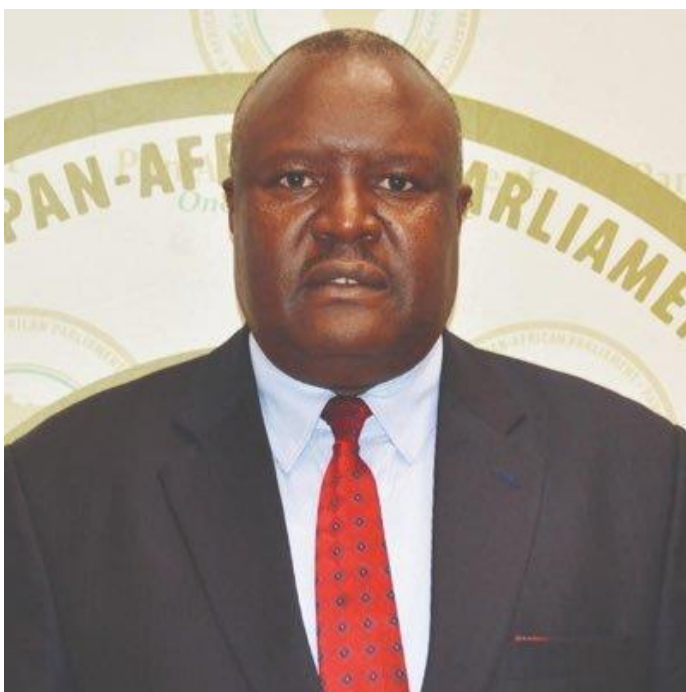
-Mais ainda, não há apenas objetos...

-Sim, de fato. Horivelmente, os colonos também trouxeram corpos, cabeças ou caveiras como troféus, que ainda estão no Ocidente. Estes restos são às vezes exibidos com orgulho em museus, muitas vezes em "museus de história natural", que normalmente são dedicados a minerais, plantas e animais. Eventualmente, poderiam ter sido colocados em museus de história, que são dedicados ao ser humano? mas não, eles estão em museus de "história natural". Assim, aparentemente, os africanos são apenas animais. Quando estavam vivos, os nativos foram colocados em zoológicos humanos, e agora que estão mortos, são colocados em museus de "história natural". Alguns corpos estão em prateleiras, em armários, em formaldeído ou em adegas. Os ocidentais têm vergonha demais para mostrá-los, mas têm orgulho demais para devolver estes troféus. Estes cadáveres também são às vezes encontrados em universidades. Mas estas instituições não são museus ou universidades: elas

são valas comuns! Elas atendem à definição legal de valas comuns, tal como formulada pelas Nações Unidas. Portanto, estes lugares são simplesmente áreas macabras completamente fora da lei. Os líderes que se recusam a devolver os restos mortais são, portanto, passíveis de processo judicial.

-Quem está apoiando sua campanha?

Como parte da campanha "Restituição Agora", lançamos um apelo internacional que foi apoiado pelo Chefe Charumbira, Presidente do Parlamento da União Africana, e pelas maiores associações de chefes e reis do continente africano: Nigéria, África do Sul, Libéria, Camarões, Togo, Benin, Zâmbia, Zimbábue, etc. Mas também somos apoiados por grandes figuras da Diáspora, como Julius Garvey, o filho de Marcus Garvey. Agora fizemos bons progressos: Benin, Senegal, Congo Kinshasa estão começando a recuperar seus tesouros nacionais, pois as leis já foram aprovadas. Agora estamos trabalhando com Serra Leoa no momento. Mas apelamos a todos os outros países africanos para que se juntem a nós. A vitória está a caminho!



Chief Charumbira, Presidente do Parlamento da União Africana,
Co-Chairman da Casa Real do Estado da Diáspora Africana

- Pedido por Restituição



95% dos tesouros culturais da África estão fora da África. Eles estão no Museu Tervuren em Bruxelas, no Museu do Quai Branly em Paris, no Museu Britânico em Londres, no Museu Metropolitano em Nova York, etc. Estes bens foram roubados durante a colonização, freqüentemente num contexto de violência e massacre, e hoje milhares de objetos, e até mesmo restos humanos, são mantidos e exibidos como troféus.

Não estamos falando apenas de crimes do passado cometidos por exércitos. Estamos falando também de crimes contemporâneos: os museus são cúmplices, porque são culpados de receber bens roubados e de lucrar com esses tesouros. O gosto pelas belas artes não pode ser uma desculpa para tais atitudes. O Diretor Geral da UNESCO lembrou em maio de 1977: "Alguns povos perderam quase todos os bens culturais que constituem um aspecto essencial de sua memória coletiva e uma mensagem transmitida por seu passado. Estes povos exigem uma compreensão de sua perda".

Esta situação é inaceitável e censurável. O diálogo intercultural não pode ser baseado em pilhagens interculturais. A restituição não pode ser negada. É uma questão de justiça e cultura, é claro; é também uma questão espiritual, pois muitos desses objetos têm um significado religioso na tradição a que pertencem. É também uma questão econômica: estes tesouros são uma fonte de divisas e de desenvolvimento turístico de que os países de origem são privados.

Quando os cidadãos africanos querem transmitir seu patrimônio a seus filhos, não podem fazê-lo, pois a maioria desses objetos está espalhada na Europa e nas



Américas e em coleções privadas. Eles são privados de sua memória. A Europa rejeita os migrantes africanos, mas pretende manter os tesouros africanos.

O Estado Africano da Diáspora já fez progressos significativos na restituição na França, Bélgica e no Parlamento Europeu, e já tomou medidas concretas para preservar os objetos uma vez devolvidos. Mas a maioria destes tesouros ainda está fora do continente, enquanto muitos museus muito modernos na África permanecem desesperadamente vazios. Esta situação não pode continuar: ela cria tensões nas relações Norte-Sul e é altamente prejudicial à amizade entre os povos e à diplomacia internacional.

É por isso que, como reis, preocupados com os direitos humanos, a cultura e as exigências da Década das Nações Unidas para os Povos de Ascendência Africana, apoiamos a campanha "Restituição Agora", liderada pelo Estado da Diáspora Africana, e na véspera da Cúpula África-França que terá início em 7 de outubro de 2021, pedimos:

-aos líderes africanos que formulem ativamente as exigências oficiais de restituição em apoio ao Presidente da União Africana, Félix Tshisekedi, que, em sua posse, declarou que a restituição seria uma de suas prioridades, e que terá que colocar a questão firmemente sobre a mesa durante a Cúpula África-França e além dela;

-aos líderes da UE para implementar a resolução do Parlamento Europeu, votada em 26 de março de 2019, que convida os países e instituições membros a levar em conta "os crimes contra a humanidade sofridos por pessoas de ascendência africana", e a implementar "reparações na forma de um pedido de desculpas público ou a devolução de objetos roubados a seus países de origem";

- outros países como o Reino Unido, a Suíça, o Vaticano ou os Estados Unidos para fazer o mesmo, e para estabelecer um processo de restituição o mais rápido possível, pois estes Estados também possuem dezenas de milhares de tesouros e bens culturais pertencentes à África em seus museus.

Endossos :

- Chefe Fortune Charumbira, Presidente do Parlamento da União Africana,
- Daagbo Hounon, Chefe Supremo do culto Voodoo,
- Dr Julius Garvey,
- O Alto Conselho dos Reis da África,
- Reinos Unidos da África,
- Sua Majestade Tchiffy Zié, Secretário Geral do Fórum dos Reis Tradicionais e Líderes da África,
- Sua Majestade Pr Dada Awiyan Kopkon Octave Cossi Houdegbe, Presidente do Conselho Pan-Africano de Autoridades Tradicionais e Consuetudinárias
- Chefe Zanzan Karwa, Presidente do Conselho de Chefes da Libéria,
- Sua Majestade o Rei Francis Nnwaneri, Presidente da Federação do Sudoeste e do Fórum Africano (SWAF),
- O Conselho Nacional de Chefes do Zimbábue
- A Casa dos Chefes da Zâmbia,
- O Alto Conselho dos Reis de Benin,
- O Sindicato dos Chefes Tradicionais do Togo,
- A Organização dos Reinos da África do Sul, e muitos outros reis da Nigéria, Camarões, Níger, Benin, Burkina Faso, Congo, Mali, etc.



Os Mais Belos Tesouros da África, finalmente revelados...

Dirigido pelo Theo Chambers, o site suscita admiração por tal beleza, mas também tristeza e raiva, e mais do que isso, um desejo de mobilização para que a justiça possa finalmente ser feita pelos Africanos.



Theo Chambers, concepteur do site



O Tesouro de Ahmadou, Mali, Museu do Exército Paris

Alguns dos mais belos tesouros da África são agora revelados: infelizmente, eles não estão na África. Eles foram roubados durante a colonização. Portanto, o objetivo do site www.restitutionmuseum.com é apresentá-los ao público. A maioria dos Africanos, seja no continente ou na diáspora, provavelmente os verá pela primeira vez.

Em 1890, no contexto das guerras coloniais francesas, o Coronel Louis Archinard tomou a cidade de Segou e os tesouros do soberano Ahmadou, 76 quilos de jóias, principalmente ouro: colares, pulseiras, pingentes, etc. Eles foram expostos no museu do exército, no museu da França no exterior, dispersos ou roubados. Eles fazem parte do patrimônio cultural do Mali.

Esta iniciativa salutar é o trabalho do Estado da Diáspora africana. O site é lançado como parte da "Restituição Agora!". De fato, às vezes ouvimos falar desses roubos de tesouros culturais, mas na maioria das vezes, não sabemos exatamente o que são. Mas precisamos saber, e melhor ainda, precisamos ver.



As chaves de Argel, Argélia, Museu do Exército Paris

O site, particularmente bem cuidado e elegante, é um convite para viajar. Você pode viajar por muitos países africanos, como Angola, Benin, Congo, Egito, Etiópia e Nigéria, e ver do que eles foram despojados. Também é possível viajar por países ocidentais, como França, Alemanha, Suíça, Estados Unidos, Vaticano, e ver onde estão hoje esses tesouros culturais.

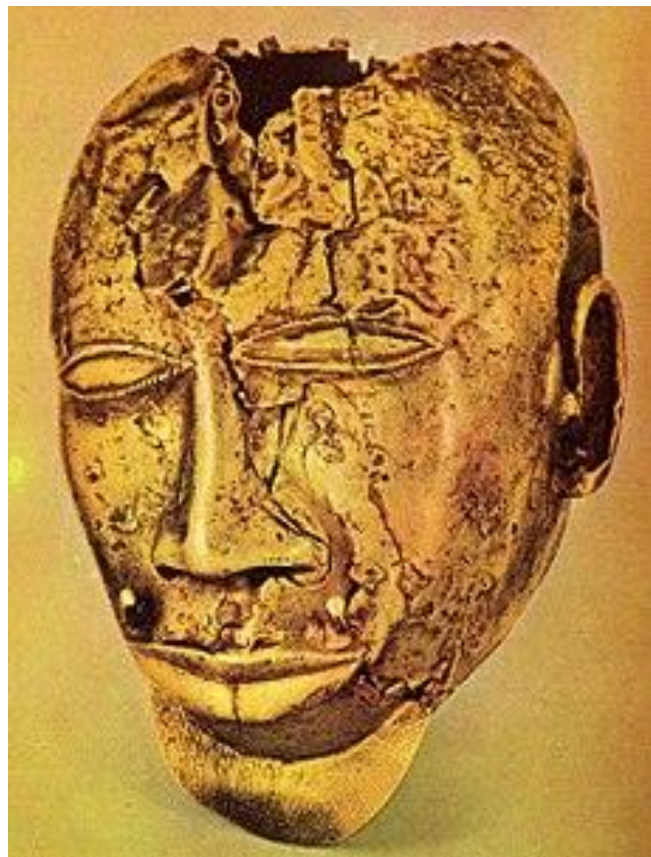


Em 1830, a França atacou Argel e, em 5 de julho, o Dey Hussein entregou as chaves da cidade ao General de Bourmont. Era o início de 130 anos de colonização. Essas chaves permaneceram nos museus de Argel até a independência, e foram então enviadas para a França. Deveriam ter sido devolvidas em 2012 pelo presidente da República Francesa, François Hollande, mas ainda estão em Paris, no museu do exército.



Tesouro de Maqdala, Etiópia, British Museum, London

Segundo os estudiosos, esta coroa foi criada em 1740 a pedido do Imperador Mentewwab e seu filho, o Rei Iyyasu. Ela foi oferecida a uma igreja na Etiópia. Em 1868, liderada por Robert Napier, as tropas britânicas derrotaram Tewodros II, que então cometeu suicídio. Quando os soldados coloniais saquearam a cidade de Maqdala, nada menos que quinze elefantes e duzentas mulas foram necessários para transportar todos os artefatos. Entre eles está esta coroa dourada, que agora se encontra no Museu Britânico.



Máscara de Ouro , Gana, Wallace Collection, Londres

Após a terceira guerra Anglo-Ashanti, em 1873-1874, as tropas coloniais britânicas destruíram a cidade de Kumasi, a capital dos Ashanti. Entre os tesouros pilhados pelos soldados está esta máscara, troféu de ouro de 20 cm de altura, pesando 1,36 kg de ouro puro. Era uma propriedade do rei Kofi karkari. Hoje, a máscara está na coleção allace, no Reino Unido. Em 1974, o governo ganense pediu a restituição, mas as autoridades britânicas recusaram.



Busto de Nefertiti, Egito, Neues Museum, Berlim

O Egito é provavelmente o exemplo mais famoso desta história de roubo colonial. Muitos artefatos ou múmias retirados das pirâmides estão no Louvre e no Museu Britânico, mas muitos também estão em toda parte nos países ocidentais, como em Berlim, no Neues Museum, onde pode ser encontrada uma das mais belas obras de arte do Antigo Egito. Esta estátua representa Nefertiti, a esposa de Akhenaton, faraônica da 18ª dinastia, e é considerada a representação mais famosa de uma mulher na arte depois de Mona Lisa. O Egito continua pedindo a restituição desta trespasse. Muitos conservadores alemães afirmam que esta obra de arte é o símbolo da identidade nacional alemã; pode-se perguntar se ela não é, acima de tudo, o símbolo da identidade egípcia...



Máscara Suspensa da Rainha Mãe, Benin Kingdom, Nigéria, Metropolitan Museum of Art, Estados Unidos

Esta máscara suspensa foi produzida no início do século 16 sob o reinado de Oba Esigie, chefe do reino de Benin. Ela é feita de osso e marfim. É uma das obras-primas mais famosas da arte africana no mundo. A máscara representa a mãe do Rei, Idia, que teve um papel importante na Corte, e recebeu o prestigioso título de *Iyoba* (Rainha Mãe). Os pequenos rostos retratados são personagens portugueses, que estão lá para representar a riqueza e o comércio com Portugal que começou nesta época. Sendo brancos e vindos do mar, os portugueses estavam ligados a Olokun, deus do mar, que está associado com a cor branca. Está agora no Met de Nova York; outro, muito semelhante, está em Londres.



Estatueta do herói mítico Chibinda Llunga, Angola, Museu Rietberg, Zurique, Suíça,

Chibinda Llunga é um herói lendário, que viveu por volta de 1600, teve poderes sobrenaturais e inventou novas técnicas de caça. Ele se casou com Lueji, a filha do Rei Lunda. Criada por volta de 1850 nas oficinas da região de Chokwe, Angola, esta estatueta representa Chibinda Llunga com suas enormes mãos e pé, um símbolo de força e energia. Seu chapéu sofisticado e seu penteado mostram sua origem aristocrática. Hoje a estatueta está no Museu Rietberg, em Zurique, Suíça.



Treasure of Lusinga, Congo, Museu de Tervuren, Bruxelas

Em 1884, lideradas por Emile Storms, as tropas belgas atacam vários vilarejos no Congo. Seu líder, Lusinga Iwa Ng'ombe, e dois outros chefes tradicionais, Mpampa e Marilou, são decapitados. Suas cabeças e muitos artefatos são levados de volta para Bruxelas e agora estão detidos no Museu da África de Tervuren e na Universidade de Bruxelas. Hoje, Bamko-CRAN, uma ONG, pede restituição, e em março de 2019, após seus esforços de lobby junto ao Estado da Diáspora Africana, o Parlamento francófono de Bruxelas votou uma resolução a favor da restituição de todos os bens africanos roubados durante a colonização.



Pantera Negra e Restituição: Da ficção para a Realidade!

FAQ



Black Panther, Ryan Coogler, USA, 2018

No início de Black Panther, Killmonger (interpretado por Michael B. Jordan) aparece e diz ao diretor do museu que ele vai tomar posse de um objeto icônico. Ela protesta que a peça não está à venda. Ele responde: "Como você acha que seus ancestrais os adquiriram? Você acha que eles pagaram um preço justo por ela? Ou eles o pegaram... como pegaram tudo o resto? "De certa forma, esta cena é o símbolo e a essência de todo o filme, porque através deste objeto vibranium, trata-se de restaurar a África à sua força original. O filme era apenas uma ficção: agora é hora de agir no mundo real!
www.restitutionmuseum.com

P: Quantos objetos africanos estão fora da África?

R: Mais de 95% da herança clássica da África está fora da África.

Se tomarmos o exemplo da França, de acordo com o relatório oficial escrito por Felwine Sarr e Bénédicte Savoy para a presidência francesa, mais de 90.000 objetos na França vêm de países subsaarianos. Metade deles foram "levados" durante a colonização. A França tem 9296 objetos do Chade, 7590 de Madagascar, 6910 de Mali, 3951 da Costa do Marfim, 3157 de Benin, 2953 do Congo, 2448 do Gabão, 2281 do Senegal, 1997 da Guiné. A França também tem objetos de países africanos que não eram colônias francesas, como a Etiópia (3081), Gana (1656), Nigéria (1148), DR Congo (1428).

Na Bélgica, o Museu Tervuren possui 180.000 objetos africanos; no Reino Unido, o Museu Britânico possui 69.000; em Viena, o Weltmuseum possui 37.000; em Berlim, o futuro Humboldt Forum possui 75.000.

Para dar uma idéia, na África, as coleções dos museus nacionais raramente excedem 3.000 obras, e muitas vezes são de pouco valor artístico, tendo sido saqueados os tesouros mais importantes.

P: Como estes objetos deixaram a África?

R: A maioria deles foi saqueada durante a colonização, em um contexto de violência, crimes e massacres. Eles foram roubados pelas tropas coloniais e trazidos de volta à Europa como troféus. Algumas vezes foram vendidos e dispersos, outras vezes foram apresentados em exposições. Eram concebidos como símbolos da chamada magnificência da colonização.

P: Por que estes objetos deveriam ser devolvidos aos países africanos?

R: Porque eles pertencem à África e a países africanos.

É uma questão de direitos fundamentais, identidade cultural, integridade espiritual e desenvolvimento econômico. É impossível construir o diálogo intercultural com base no roubo intercultural.

P: Os países africanos são suficientemente seguros para mantê-los?

-As pessoas não devem ser ignorantes ou preconceituosas: A África tem muitos museus seguros e modernos como o Museu das Civilizações Negras em Dakar, o Museu Nacional em Lagos, o Museu Nacional em Bamako, o Museu dos Reis de Bamoun em Foumban, o Museu Nacional de Bardo na Tunísia, etc. Entretanto, é verdade que precisamos mantê-los a salvo. No entanto, é verdade que precisamos melhorar e proteger os outros. Mas em nenhum caso isso pode ser um argumento contra a restituição. O ladrão que roubou seu carro não pode dizer à polícia: "Eu não vou devolver o carro porque a garagem da minha vítima não é suficientemente segura". Eu sei disso, porque quebrei a fechadura. Além disso, ao contrário da crença popular, muitos objetos africanos foram destruídos pelos colonos, ou perdidos na Europa. Portanto, é verdade que se quisermos trabalhar na conservação na África, os países europeus, que destruíram e perderam tantos objetos, não estão em condições de dar nenhuma lição, especialmente em termos de segurança. Eles só devem trabalhar conosco e ajudar de forma humilde para fazer reparações.

P: E se alguns países africanos ainda não estão prontos para coletar seu patrimônio, o que pode ser feito?

Existem várias soluções. Os objetos podem ser distribuídos para exposições internacionais, o que trará dinheiro para o futuro museu que os abrigará. E quando o museu estiver pronto, os objetos poderão ser repatriados. Alternativamente, os objetos podem ser deixados para trás nos museus ocidentais por uma taxa. Os países africanos podem de fato alugar seu patrimônio, enquanto esperam para construir museus, se não estiverem suficientemente equipados por enquanto. É por isso que deve ser feita uma distinção entre restituição, que é um ato legal que deve ser elaborado e registrado agora, e retorno, que é um processo físico que pode ser adiado.

P: Por que os países ocidentais querem manter estes objetos?

-Porque isso os lembra de sua "magnificência" passada, os "bons velhos tempos", quando eles tinham colônias. Esta é uma atitude nostálgica, racista e colonialista. Mas é também uma fonte de renda para seu presente e futuro. O turismo representa 15% do PIB francês, por exemplo. É o recurso número um do país (a França é o país mais visitado do mundo), e os museus são uma grande parte dessa atividade. As pessoas vêm para ver as múmias egípcias no Louvre (o museu líder mundial), mas ao fazê-lo compram passagens na Air France, com aviões construídos pela Airbus (a empresa aeronáutica líder mundial), compram noites de hotel no grupo Accor (a empresa hoteleira líder mundial), presentes e compras nos Champs Elysées nas lojas da LVMH (líder mundial em artigos de luxo), comem em restaurantes franceses, pegam táxis, trens e metrô, todos eles empregos que não podem ser realocados. Mas as coisas estão mudando. Cada vez mais pessoas na Europa compreendem a necessidade de restituição, e em 2019, após nossos esforços diplomáticos, o Parlamento Europeu até aprovou uma resolução para restituição e reparação. Agora estamos trabalhando para implementá-la.